

Análise Econômica

LEGADO DO PLANO REAL:
A ESTABILIZAÇÃO SEM CRESCIMENTO ECONÔMICO?
NANDO FERRARI FILHO

CONSUMO AGREGADO E PLANOS
DE ESTABILIZAÇÃO NO BRASIL
N CARLO MACHADO E ROSA FONTES

IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO
CONECÓCIO PARA A REGIÃO SUL DO BRASIL
É LUIZ PARRÉ E
QUIM JOSÉ MARTINS GUILHOTO

PAPEL DA AGRICULTURA NO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO BRASILEIRO, 1980/1998
MINA BATISTA DE LUCENA E
I DE JESUS DE SOUZA

EQUILÍBRIO TEMPORÁRIO, ANÁLISE DINÂMICA
MOTIVO FINANÇAS DE DEMANDA DE MOEDAS
É LUÍS OREIRO E FLAVIA DIAS RANGEL

OBSTÁCULOS À SOBREVIVÊNCIA E EXPANSÃO
DE PEQUENAS EMPRESAS NO CONTEXTO
DE DINÂMICA ECONÔMICA CAPITALISTA
É LUÍS FERREIRA

OPERATIVAS DE TRABALHO: FLEXIBILIZAÇÃO
OU DEGRADAÇÃO DO TRABALHO?
É MARIA PEREIRA

QUESTÃO METODOLÓGICA NA DISCUSSÃO
DEBRE A CENTRALIDADE DO TRABALHO
É LO NAKATANI

NOVAS REGRAS DE SUPERVISÃO BANCÁRIA
COMITÊ DA BASILÉIA E SEUS EFEITOS
EM OS PAÍSES PERIFÉRICOS
É CRISTINA PENIDO DE FREITAS
É DANIELA MAGALHÃES PRATES

ANO 19

Nº 35

MARÇO, 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Prof^a. Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor : Prof. Pedro César Dutra Fonseca

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Gentil Corazza

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS

Chefe: João Marcos Leão da Rocha

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Eduardo Pontual Ribeiro

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

Coordenador: Prof. Jalcione Almeida

CONSELHO EDITORIAL: Achyles B. Costa, Aray M. Feldens, Carlos A. Crusius, Carlos G. A.

Mielitz Netto, Eduardo A. Maldonado Filho, Eduardo P. Ribeiro, Eugênio Lagemann,

Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Jan A. Kregel (Univ. of Bologna), Marcelo S. Portugal,

Nali J. Souza, Otilia B. K. Carrion, Paulo A. Spohr, Paulo D. Waquil, Pedro C. D. Fonseca,

Philip Arestis (Univ. of East London), Roberto C. Moraes, Ronald Otto Hillbrecht, Stefano

Florissi, Eleutério F. S. Prado (USP), Fernando H. Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/

RJ), João R. Sanson (UFSC), Joaquim P. Andrade (UnB), Juan H. Moldau (USP), Paul

Davidson (Univ. of Tennessee), Werner Baer (Univ. of Illinois).

COMISSÃO EDITORIAL: Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil

Corazza, Marcelo Savino Portugal, Paulo Dabdab Waquil, Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Gentil Corazza

EDITOR ADJUNTO: Pedro Silveira Bandeira

SECRETÁRIA: Vanessa Hoffmann de Quadros

REVISÃO DE TEXTOS: Vanete Ricacheski

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. GENTIL CORAZZA

Revista *Análise Econômica* - Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL

Telefones: (051) 316-3348 e 316-3440 - Fax: (051) 316-3990

rae@vortex.ufrgs.br

Análise Econômica

Ano 19, n° 35, março, 2001 - Porto Alegre

Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2001

Periodicidade semestral, março e setembro.

1. Teoria Econômica - Desenvolvimento Regional -
Economia Agrícola - Pesquisa Teórica e Aplicada -
Periódicos. I. Brasil.

Faculdade de Ciências Econômicas,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDD 330.05

CDU 33 (81) (05)

A importância econômica do agronegócio para a Região Sul do Brasil

José Luiz Parré¹ e Joaquim José Martins Guilhoto²

Resumo: O objetivo principal deste artigo é analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio ou complexo agroindustrial na Região Sul do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995, utilizando matrizes de insumo-produto inter-regionais. São apresentados resultados sobre a composição e sobre as principais características dos fluxos inter-regionais do agronegócio na Região Sul. Os resultados indicam que houve um aumento na participação da Região Sul no agronegócio do Brasil de 28,7% em 1985 para 29,6% em 1995 e que a parcela deste setor no Produto Interno Bruto da Região Sul foi de pouco menos de 50% em 1995.

Palavras-chave: Agronegócio, insumo-produto, desenvolvimento regional, Região Sul.

Abstract: The main goal of this paper is to analyze the level of development in the Agribusiness of the region South from Brazil for the years of 1985, 1990 and 1995; using inter-regional input-output analysis. The results obtained show: how the Agribusiness is structured inside the region; and how the trade flows of the Agribusiness take place among the regions. The main findings of this work are: a) there was a increase in the share of the region South of 28,7% in 1985 to 29,6% in 1995 in the Brazilian's Agribusiness; b) the region South agriculture is highly advanced and integrated with others aggregate from the Agribusiness; c) the Agribusiness from the region South accounts for approximately 50% of the region's Gross Regional Product.

Key words: Agribusiness, input-output, regional development, region South (Brazil).

1 Introdução

Ao analisar o “novo padrão agrícola brasileiro”, Hoffmann et al. (1985) observam que “Todas essas transformações [...] apresentam uma característica comum [...], que é a de terem se processado de forma desigual em dois sentidos: regionalmente, beneficiaram os estados do Centro-Sul, particularmente o estado de São Paulo; dentro de cada estado, atingiram

¹ Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá, Professor do Programa de Mestrado em Economia/UEM. End.: Av. Colombo, 5790 - CEP: 87020-900. Fone: (44)261-4305. e-mail: jlparre@uem.br

² Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP e do Regional Economics Applications Laboratory (REAL) da University of Illinois (EUA). e-mail: guilhoto@usp.br.

preferencialmente os médios e grandes estabelecimentos agropecuários. É preciso enfatizar, porém, que, já em 1960, essas características regionais e entre estabelecimentos eram acentuadas, devido à própria evolução histórica de cada região...”.

Associando os aspectos da modernização da agricultura brasileira às características do surgimento e da expansão do complexo agroindustrial ou agronegócio brasileiro, ou seja, o aperfeiçoamento das relações agricultura-indústria, que não se deu de modo uniforme e simultâneo em todo o país, chega-se ao seguinte questionamento: de que forma o nível de desenvolvimento das regiões determina a constituição e a influência do agronegócio nas regiões e entre estas, e como o agronegócio afeta o desenvolvimento regional e, particularmente, o desenvolvimento da agricultura regional. Neste sentido, são testados, para a Região Sul do Brasil, os parâmetros sugeridos por Malassis (1969), que relacionam o grau de desenvolvimento das regiões e a estrutura do agronegócio. Esses parâmetros são apresentados no item 3 deste artigo.

Como objetivo geral, este artigo pretende analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio da Região Sul do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995; utilizando matrizes de insumo-produto inter-regionais.

Devido ao fato de a matriz inter-regional disponível das macrorregiões brasileiras (desenvolvida por Crócomo e Guilhoto, 1998) apresentar como base o ano de 1985, foi necessário, através da metodologia insumo-produto, obter a mesma matriz para 1990 e 1995; além disso, foi desenvolvida uma metodologia que possibilitou dimensionar o agronegócio de cada região e obter suas inter-relações com a economia e com o agronegócio das demais regiões do país.

2 Características da economia agrícola da Região Sul

A ocupação e o povoamento do Brasil se deram por meio de surto de atividades exportadoras que, sucedendo-se ao longo do tempo, foram fixando populações em diferentes pontos do território nacional. E, conforme o sucesso ou insucesso da exploração econômica - em particular, a capacidade ou incapacidade de levar à diversificação e à industrialização, estabeleceram-se diferenciações nítidas entre esses focos isolados de civilização, bem retratadas nos indicadores econômicos e sociais, consagrando a herança regional do desenvolvimento do país.

Nesse sentido, o ciclo da cana-de-açúcar nos séculos XVI e XVII favoreceu o Nordeste; o de exploração de ouro (séculos XVII e XVIII) levou o dinamismo da economia para a área de Minas Gerais e do Sudeste do país; a expansão da exportação de café do século XIX favoreceu primeiro o interior do Rio de Janeiro e, posteriormente, o estado de São Paulo. No século XX, entretanto, segundo Baer (1995), a substituição histórica de regiões economicamente favorecidas chegou ao fim. O Sudeste do país, que era a

área dinâmica de exportação no início do processo de industrialização, tornou-se também a região líder da economia brasileira e o principal beneficiário do crescimento econômico do país.

2.1 Região Sul

Os estados que compõem a região Sul apresentam particularidades bastante visíveis, em função principalmente de sua história econômica e sua formação social. O Paraná tem muitas de suas atuais características originadas da colonização influenciada pela economia cafeeira paulista, o que as torna muito distintas, por exemplo, da baixa integração interna e do predomínio da pequena propriedade familiar que se observa em Santa Catarina. Já o Rio Grande do Sul, pela forma original de sua ocupação (basicamente para defesa da fronteira e para o fornecimento de animais à zona mineradora) e seu posterior desenvolvimento, tem hoje três tipos diferentes de agricultura: a pecuária extensiva tradicional, as áreas de lavoura empresarial (arroz, trigo, soja) e a agricultura colonial (policultura, fumo, uva) (Hoffmann et al., 1985).

Analisando de forma conjunta, a região caracterizava-se por possuir tanto uma agricultura como uma indústria tipificadas pela pequena e média propriedade, excetuando a pecuária no Rio Grande do Sul.

O processo de capitalização da agricultura sulina, assentado na produção de trigo, soja, arroz (irrigado) e pecuária extensiva, no período mais recente, provocou uma concentração fundiária na agricultura da região. Neste processo, dois elementos foram importantes: de um lado, a expansão das agroindústrias ligadas ao complexo da soja (óleo, farelo, rações, etc.), no Paraná e Rio Grande do Sul, e as ligadas ao processamento de carnes suínas e de aves, em Santa Catarina; de outro lado, a reorientação do aparato político-institucional no sentido de dar suporte ao novo estilo de desenvolvimento agrícola. No caso específico da Região Sul, cabe destacar o papel das cooperativas, largamente difundidas nos três estados, no apoio à comercialização agrícola e na prestação de serviços (Hoffmann et al., 1985).

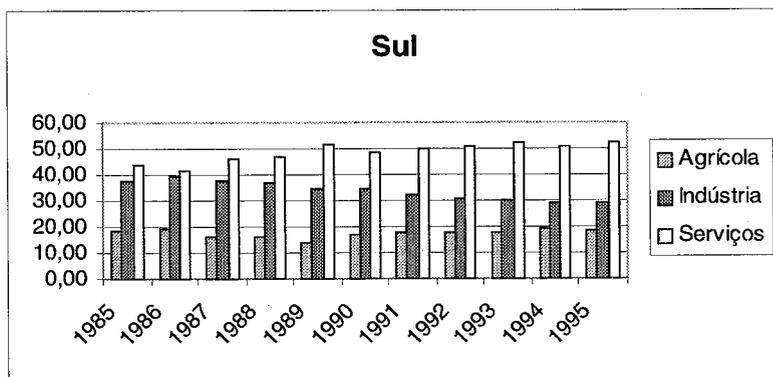
Pode-se esperar que o tipo de agroindústria que se desenvolveu na Região Sul levou a uma diminuição na produção de alimentos básicos e também conduziu à mecanização da produção e à introdução de insumos modernos, proporcionando transferência dos estímulos dinâmicos da agricultura para segmentos da indústria. As mudanças implicam a introdução de novos produtos, novos tipos de organização da produção e novos processos tecnológicos.

Sem minimizar a intensidade das mudanças por que passou a agropecuária, o seu declínio relativo chama a atenção. Representando 25% do produto interno de 1970, o setor apresentou uma queda expressiva, participando com 16,7% do PIB em 1990; em 1995 ocorreu uma recuperação chegando a participar com 18,3% (BRASIL, 1993 e figura 1). O mesmo comportamento apresentou em relação ao PIB agrícola nacional, em 1985

a região Sul participava com 29,8% do valor da produção agrícola nacional, diminuindo essa participação para 26,3% em 1990 e recuperando-se para chegar, em 1996, com 27,4% do PIB agrícola do Brasil (figura 2).

A Região Sul, apesar de perder peso relativo, continua dominando o setor de avicultura e de arroz irrigado com aproximadamente 70,0% da produção nacional; a região mantém suas participações na produção de feijão e milho e perde participação em bovinos, suínos, cebola, batata, tomate, soja, trigo e no algodão, segundo Cano (1998).

O setor industrial respondia, em 1970, por 20,0% do PIB regional do Sul (BRASIL, 1993). Esta participação cresceu no início dos anos 80, chegando a representar 37,6% em 1985, porém o setor também sentiu a crise do final da década de 80 e sua participação caiu para 34,6% do produto regional em 1990 e 29,1% em 1995 (figura 1), sendo que o setor de serviços apresentou comportamento inverso no período, crescendo sua participação de 43,7% em 1985 para 52,5% em 1995 (figura 1).



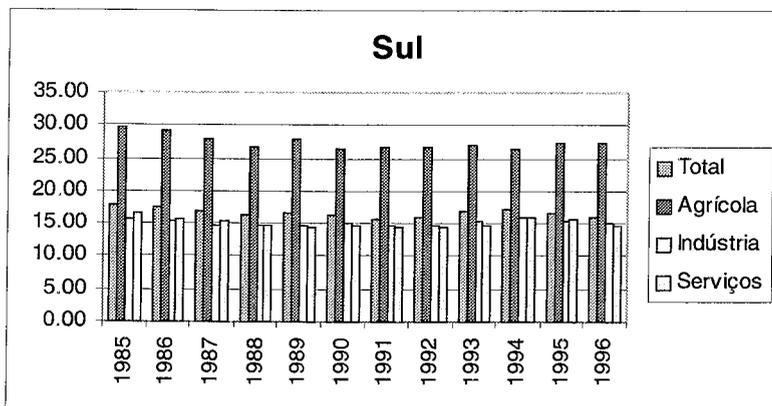
Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 1: Distribuição do PIB da Região Sul por setores econômicos, 1985/95, em %.

3 Referencial metodológico

O referencial metodológico dessa pesquisa, para atender aos objetivos propostos, está dividido em duas partes: uma utilizou a teoria das matrizes de insumo-produto inter-regionais, para obtenção das matrizes para os anos de 1990 e 1995³; e a outra parte da metodologia trata do método de dimensionamento do agronegócio para a Região Sul do Brasil. Será apresentado, a seguir, de forma resumida, o método de dimensionamento do

³ O modelo inter-regional de insumo-produto pode ser encontrado em Parré (2000), onde consta, também, uma versão completa das matrizes inter-regionais do Brasil obtidas para 1985, 1990 e 1995.



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 2: Participação da Região Sul no PIB total e setorial do Brasil, 1985/96, em %.

agronegócio a partir de uma matriz inter-regional, a apresentação completa deste método pode ser vista em Parré (2000).

3.1 Dimensionamento do agronegócio para a Região Sul do Brasil

Diversos autores preocuparam-se em “medir” a importância do complexo agroindustrial ou agronegócio na economia brasileira, entre os trabalhos que se destacaram nesta tarefa pode-se citar Araújo et al. (1990); Lauschner (1995); Furtuoso (1998), Montoya e Guilhoto (1999) e Guilhoto et al. (2000).

Basicamente, os autores dessas pesquisas mensuraram o agronegócio partindo de uma visão sistêmica, utilizando-se de matrizes insumo-produto nacionais, para considerar os fluxos e transferências de insumos e de produtos entre os setores. Outro ponto em comum entre as pesquisas foi a utilização dos trabalhos de Davis e Goldberg (1957) e Malassis (1969) como referencial teórico para a mensuração do agronegócio.

A metodologia de mensuração do agronegócio utilizada neste artigo toma como referencial metodológico básico os trabalhos de Lauschner (1995); Furtuoso (1998) e Guilhoto et al. (2000). Entretanto, pelo fato de esses autores analisarem o agronegócio brasileiro de forma agregada, e a proposta desse artigo é mensurar o agronegócio de uma região brasileira, bem como as relações de dependência que existem entre as regiões, desenvolveu-se uma metodologia de mensuração que considerou esses objetivos.

O quadro A1 (no Anexo 1) apresenta a matriz insumo-produto inter-regional simplificada para a Região Sul do Brasil, sendo que as relações intra-regionais da demanda intermediária da Região Sul apresentam-se desagregadas em 17 setores produtivos, os quais estão especificados no

quadro. Esta forma de apresentação da matriz inter-regional - destacando o setor agroindústria - permite que se dimensione o agronegócio para a região, bem como as inter-relações com as outras regiões.

As colunas do Quadro A1 representam os setores da demanda, divididos em demanda intermediária (A) e demanda final (Y). No caso, a demanda intermediária da Região Sul (P) é apresentada desagregada em 17 setores, enquanto a demanda intermediária das outras regiões que compram dos setores da Região Sul é apresentada de forma agregada. Por exemplo, $z_{1,7}$ representa quanto o setor da agroindústria compra do setor agropecuário, sendo que ambos os setores são pertencentes à Região Sul; e Z_1^{PL} mostra quanto os setores em conjunto da Região Norte (L) compram do setor agropecuário da Região Sul (P), esses fluxos inter-regionais podem ser considerados exportações para demanda intermediária ou exportações DI.

Vale lembrar que as compras realizadas na demanda intermediária servem como insumos no processo produtivo das regiões, ou seja, representam o consumo intermediário das regiões.

As colunas da demanda final (Y) no Quadro A1 referem-se às compras das regiões feitas aos setores da Região Sul que serão destinadas ao consumo final. Estas transações podem ser consideradas exportações para demanda final (exportações DF).

Os setores da demanda final são subdivididos em consumo das famílias (C), consumo do governo (G), investimento (I) e exportações (X); entretanto, no Quadro A1, eles estão apresentados de maneira agregada.

Um aspecto importante da construção da matriz inter-regional do Brasil deve ser destacado: as exportações (X) representam as vendas para o exterior (R) ou resto do mundo; e, como a matriz trata da Região Sul (P), esses valores estão representados apenas na coluna da demanda final Sul (P). Para as outras regiões, o valor das exportações é zero. Por exemplo, Y_1^{PL} mostra quanto a região Norte (L) compra do setor agropecuário da Região Sul, sendo que essas compras são destinadas a C, G ou I; e Y_1^{PP} representa as compras ao setor agropecuário dentro da Região Sul destinadas a C, G, I ou X.

Com relação às compras dos setores da Região Sul feitas aos setores das outras regiões, a matriz destaca apenas as compras de suprimentos, pois as compras para consumo final estarão representadas na demanda final das matrizes das outras regiões em estudo. Por exemplo, na matriz da Região Norte haverá uma coluna de demanda final para a Região Sul, indicando as compras feitas por esta região de produtos originários da Região Norte, para consumo final.

Nesse sentido, por exemplo, $z_{7,1}$ representa quanto o setor agropecuário compra do setor agroindústria, ambos da região Sul; m_1^R indi-

ca quanto o setor agropecuário da Região Sul compra (importa) do exterior ou resto do mundo; m^L mostra quanto o setor agropecuário da Região Sul compra (importa) do conjunto de setores da Região Norte (L).

Com base nas informações, pode-se desenvolver o método para o cálculo do agronegócio na Região Sul do Brasil e, da mesma forma, para as demais regiões. Considerando-se que a estrutura do agronegócio está dividida em três partes:

a) uma parte que precede a produção rural, que engloba o conjunto de setores fornecedores de insumos e fatores de produção para as propriedades rurais, denominado de agregado I ou montante do agronegócio, ou ainda, indústria para a agricultura;

b) o setor de produção rural ou, apenas, setor agropecuário, denominado de agregado II;

c) os setores que recebem a produção agropecuária para agregar valor através do armazenamento, processamento e distribuição para o consumidor final, chamado de agregado III ou jusante do agronegócio.

Uma maneira de comparar o grau de desenvolvimento das regiões através da estrutura do agronegócio foi proposta por Malassis (1969). A avaliação proposta pelo autor considera a participação do agregado II (produção rural) no valor total e, conseqüentemente, a participação do agregado II e III (montante e jusante). Malassis classifica uma economia alimentar de pré-industrial ou agrícola nos casos em que o agregado I (montante) do agronegócio representa 5% do valor do mesmo, o agregado III (jusante) representa 20% e o agregado II (produção rural) participa com 75%. Uma economia atinge, segundo o autor, o nível de economia alimentar industrializada quando, por exemplo, o montante representa 17%, a produção rural participa com 32%, e a jusante participa com 51% do valor total do agronegócio. Nesse sentido, quando o agregado II ou produção rural começa a participar com menos de um terço do valor total do agronegócio, a economia se eleva de um nível pré-industrial para uma economia industrializada.

4 Resultados

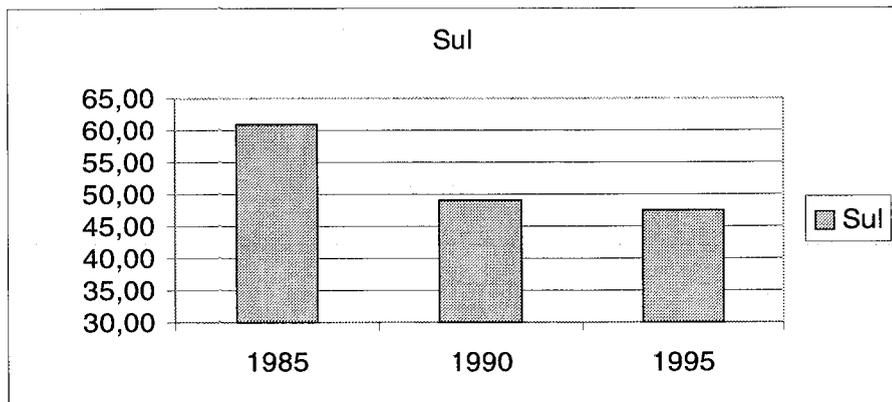
4.1 A composição do agronegócio da Região Sul

A principal característica do agronegócio da Região Sul é sua elevada importância dentro da economia da região, como pode ser observado na figura 3. Em 1985, o agronegócio correspondia a 60,8% do PIB da Região Sul; em 1990, essa parcela diminuiu para 49,2%; e, em 1995, houve outra pequena queda chegando a 47,5%.

A revisão feita sobre a economia da região, apresentada no item 2, mostra a importância dos segmentos ligados ao agronegócio para a produção de bens e serviços da região, com destaque para as agroindústrias ligadas ao complexo da soja (óleo, farelo, rações, etc.) no Paraná e Rio Grande

do Sul, e as ligadas ao processamento de carnes suínas e de aves, em Santa Catarina, além do importante papel das cooperativas, que se espalham pelos três estados, apoiando a comercialização agrícola e prestando serviços aos produtores.

Deve-se destacar, também, que as atividades industriais da região, no período analisado, são associadas a produção agrícola como o pólo de couro e calçados; a indústria de bens de capital (máquinas, equipamentos e implementos agrícolas); a indústria de bens de consumo não-duráveis (ligadas à produção de carnes e grãos); e o segmento associado à indústria da madeira.



Fonte: Estimativas dos autores.

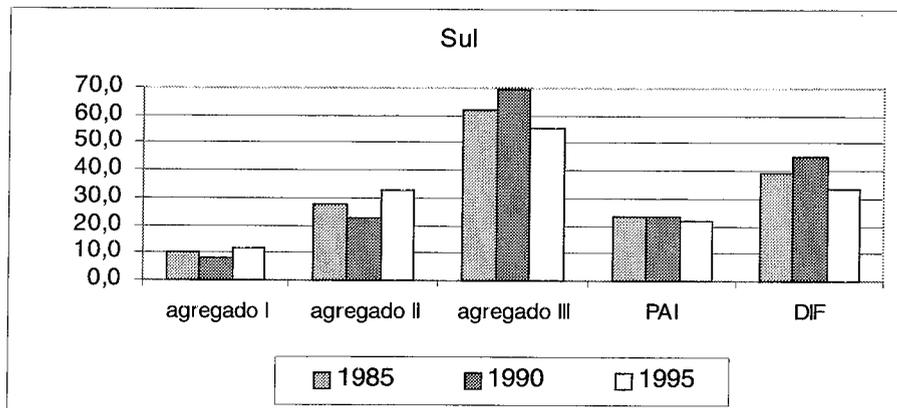
Figura 3: Participação do agronegócio na composição do PIB da Região Sul, em %.

Com relação à grande queda na parcela do agronegócio no PIB da região, ocorrida entre 1985 e 1990, deve-se lembrar que a mesma ocorreu para todas as outras regiões do país; a queda na participação no Centro-Oeste, por exemplo, foi, de 48,6% para 36,6%, para o mesmo período (Parré, 2000). Analisando-se a figura 1, vê-se que, entre 1985 e 1990, ocorreu uma queda na participação da agropecuária e um grande aumento na participação dos serviços na formação do PIB da região.

A constituição do agronegócio da Região Sul pode ser observada na figura 4. Para o ano de 1995, a configuração indica uma parcela de 11,7% para o agregado I, 32,8% para o agregado II e 55,5% para o agregado III. Uma configuração diferente da observada em 1990 que indicava, respectivamente, 8,3%, 22,5% e 69,2%. O fato é que, em 1995, a agropecuária (agregado II) aumentou o valor de sua produção, através, possivelmente, de uma elevação na produção e na produtividade; consumindo, assim, mais insumos; o que levou a um aumento da participação do agregado I.

Segundo a classificação de Malassis (1969), a composição do agronegócio da Região Sul a classifica como uma economia alimentar indus-

trializada, com o segmento de produção agropecuária participando, na média do período analisado, com menos de 1/3 do valor total da produção do agronegócio regional.



Fonte: Estimativas dos autores.

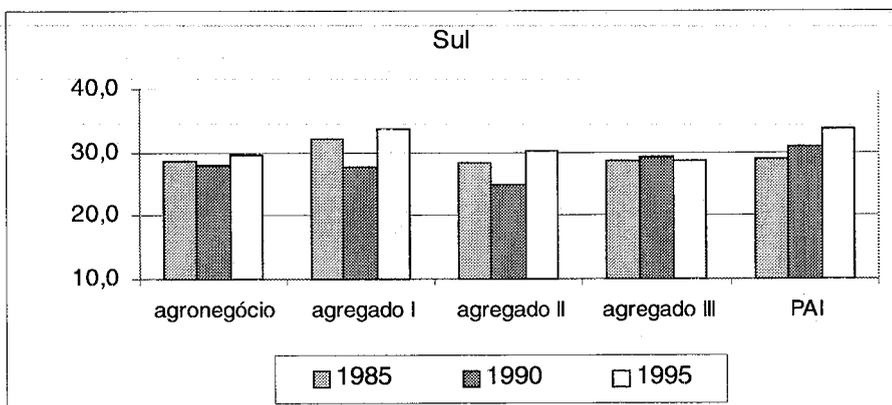
(Obs.: PAI – Produção Agroindustrial, DIF – Distribuição Final)

Figura 4: Constituição do agronegócio da Região Sul, segundo os seus agregados, em %.

A parcela do agronegócio brasileiro que é apropriada pela Região Sul aumentou no período de análise, como pode ser observado na figura 5. O ganho no total do agronegócio foi relativamente baixo, 28,7% em 1985 para 29,6% em 1995. Entretanto, alguns dos segmentos alcançaram posição de destaque, como o agregado I que possui uma parcela de 33,6% do total do país; e a produção agroindustrial da Região Sul, que passa a concentrar 33,7% do total nacional para esse segmento no ano de 1995.

A Região Sul, portanto, passa a ser uma das beneficiárias do processo de desconcentração do agronegócio brasileiro⁴, graças ao crescimento relativo de sua produção agropecuária, a qual passou a consumir mais insumos; e graças à capacidade de sua agroindústria em adicionar valor aos produtos agropecuários da região.

⁴ A demonstração do processo de desconcentração espacial que ocorreu no agronegócio brasileiro entre 1985 e 1995 está apresentada em Parré (2000).



Fonte: Estimativas dos autores.
(Obs.: PAI – Produção Agroindustrial)

Figura 5: Parcela da Região Sul no valor total do agronegócio do Brasil, e de seus agregados, em %.

4.2 As transações inter-regionais do agronegócio

Após analisar o agronegócio da região, resta saber quais as relações inter-regionais são efetuadas; ou seja, as relações de compra e venda que ocorrem entre as regiões relativas ao agronegócio. A obtenção dessas informações permitirá saber quais os maiores “parceiros econômicos” com relação ao agronegócio da Região Sul.

4.2.1 Exportações e importações do agronegócio brasileiro para o exterior

A tabela 1 demonstra que todas as regiões do país aumentaram seu comércio com outros países, ou seja, ocorreu um aumento do valor das exportações regionalizadas desde a década de 70. Como explica Guimarães Neto (1995), esse desempenho foi devido a grandes estímulos fiscais e financeiros oferecidos pelo Governo na década de 70 e, nos anos 80, a crise, a instabilidade da economia e a retração do mercado interno e a necessidade de gerar divisas para o pagamento da dívida externa induziram grande parcela da atividade econômica do país a voltar-se para o exterior. As importações apresentaram grande crescimento entre 1970 e 1980; com uma queda entre 1980 e 1985; voltando a crescer a partir da segunda metade da década de 80.

Dentro dessa perspectiva, a Região Norte, através principalmente da venda de minérios e produtos metalúrgicos provenientes do complexo Carajás, aumentou suas exportações de US\$ 87 milhões em 1970, para US\$ 2,4 bilhões em 1995; um crescimento maior que a média nacional. A Região Nordeste apresentou um acréscimo menos intenso, porém significativo, principalmente nos estados da Bahia e do Maranhão; essa região aumentou suas vendas para o exterior de US\$ 407 milhões em 1970 para US\$ 3,0

bilhões em 1990 e US\$ 4,2 bilhões em 1995. A região Centro-Oeste é a que menos participa do comércio exterior do Brasil, porém também apresentou aumento de suas exportações, principalmente na segunda metade da década de 80. A Região Sudeste é a mais integrada ao comércio internacional, com uma parcela de 57,0% e 58,3% das exportações do país, para os anos de 1970 e 1995, respectivamente. A parcela dessa região nas importações do país chegou a 80,0% em 1970 e 1985. A Região Sul manteve-se com 25,0% das exportações do país.

Vale lembrar, ainda, a afirmação de Guimarães Neto (1995) sobre a composição da pauta de exportações do Brasil: "A crescente inserção da economia brasileira na economia internacional vem ocorrendo através da ampliação das exportações de produtos manufaturados em detrimento dos produtos básicos, que em décadas passadas caracterizaram o perfil exportador do país".

A tabela 2 apresenta as participações das regiões nas exportações por grandes classes de produtos. Percebe-se que as regiões Norte e a Sudeste aumentaram suas participações nas exportações de produtos básicos entre 1975 e 1990, mesmo com esses produtos perdendo espaço nas exportações internas dessas regiões, seguindo a tendência ocorrida no país. Outra região que teve sua parcela aumentada foi a Centro-Oeste.

A Região Norte aumentou sua parcela nos produtos básicos e semimanufaturados. A Região Nordeste foi a que apresentou maior diminuição em suas participações nas classes de produtos básicos e semimanufaturados, seguindo a tendência de queda de sua parcela nas exportações brasileiras indicada na tabela 1. Com relação aos produtos manufaturados, as participações apresentaram poucas alterações no período, com um pequeno aumento da parcela da Região Sul.

A tabela 3 apresenta a distribuição das exportações e das importações do agronegócio da Região Sul do país. Os segmentos de produção agropecuária (agregado II) e de produção agroindustrial do agronegócio, e as respectivas exportações e importações regionais estão representadas nessa tabela. A soma de todas as participações representa o total para o Brasil. Por exemplo, a Região Sul participa com 32,68% das importações e 26,38% das exportações do setor de produção agropecuária do Brasil para o ano de 1985, sendo que a sua participação no valor total da produção do setor é de 28,22%. Portanto, essa tabela permite que se observe a importância da região nas relações de comércio exterior do agronegócio brasileiro, e as alterações que ocorreram entre 1985 e 1995.

Os resultados da tabela 3 indicam um crescimento da parcela da Região Sul, entre 1985 e 1995, com relação às importações e às exportações, no valor total para o agronegócio do Brasil, indicando uma maior abertura comercial do agronegócio da Região Sul com o exterior.

Tabela 1 - Exportações e importações segundo as regiões do Brasil. Em milhões de dólares correntes, 1970 a 1999.

		1970		1980		1985		1990		1995		1999	
		valor	%										
Norte	Exp.	87	3,1	596	3,4	539	2,3	1794	5,8	2433	5,3	2677	5,6
	Imp.	114	3,8	908	3,6	594	4,1	1393	6,7	4238	8,5	3098	6,3
NE	Exp.	407	14,6	2297	13,3	2526	11,0	3030	9,7	4240	9,3	3355	7,0
	Imp.	178	5,9	1590	6,4	834	5,8	1492	7,2	3604	7,2	3524	7,2
CO	Exp.	10	0,4	53	0,3	116	0,5	563	1,8	987	2,2	1294	2,7
	Imp.	4	0,1	150	0,6	34	0,2	171	0,8	494	1,0	1196	2,4
SE	Exp.	1587	57,0	10169	58,7	14284	62,2	18929	60,9	26635	58,3	28012	58,3
	Imp.	2449	80,6	18438	73,9	11473	80,1	15396	74,6	35030	70,1	33212	67,5
SU	Exp.	692	24,9	4200	24,3	5496	23,9	6767	21,8	11401	25,0	11499	23,9
	Imp.	292	9,6	3874	15,5	1396	9,7	2196	10,6	6607	13,2	7853	16,0
Brasil	Exp.	2783	100	17315	100	22961	100	31083	100	46506	100	48011	100
	Imp.	3037	100	24960	100	14331	100	20648	100	49972	100	49210	100
	Dif.	-254		-7645		8630		10435		-3466		-1199	

Fonte: CACEX/IBGE, citado por Guimarães Neto (1995); e MDIC/SECEX, para os dados de 1995 e 1999. Obs.: Do total exportado de 1995 e de 1999, respectivamente, US\$ 811 milhões e US\$ 1174 milhões são não-declarados.

Tabela 2 - Distribuição espacial das exportações por classes de produtos. Em percentagem (base em US\$ 1,00).

	básicos				Semimanufaturados				Manufaturados			
	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990
Norte	3,6	4,5	5,2	11,1	1,8	5,2	3,2	12,5	1,3	2,3	0,9	1,1
NE	25,0	20,6	13,4	8,6	28,1	21,1	18,7	17,9	7,7	6,3	8,4	8,0
CO	0,6	0,4	1,1	4,3	0,1	0,8	0,9	1,0	0,5	0,1	0,2	0,2
SE	37,3	37,8	42,0	43,1	41,3	49,9	59,0	55,7	72,9	75,1	71,7	71,8
Sul	33,4	36,7	38,3	33,0	28,7	22,9	18,2	12,9	17,6	16,1	18,7	18,9
Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: CACEX, citado por Araújo (1995). Adaptado pelos autores.

Tabela 3 - Participação da Região Sul nas exportações e importações para o exterior, (Brasil=100).

	Região Sul (%)			BRASIL (valores)		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995
A - Agregado II	28,22	24,86	30,16	127971	2300430	52245662
Importações do exterior	32,68	29,99	34,56	353	15892	615562
exportações para o exterior	26,38	24,81	28,40	5856	57199	958129
B - Produção Agroindustrial (PAI)	28,83	30,71	33,71	105420	1957553	31337081
Importações do exterior	30,59	31,59	33,05	5726	162241	4487335
exportações para o exterior	34,33	31,10	33,89	13768	170829	3542968
Total de exportações (A + B)	31,96	29,52	32,72	19625	228028	4501098

Fonte: Estimativas dos autores.

Obs.: O total para o Brasil está em Bilhões de Cruzeiros para 1985, Milhões de Cruzeiros para 1990 e Mil Reais para 1995

4.2.2 As transações inter-regionais do agronegócio da Região Sul

A participação da Região Sul no total de exportações da economia brasileira apresentou um decréscimo de 3,0% entre 1970 e 1990, porém houve uma recuperação entre o período de 1990 e 1995, voltando essa região a participar com 25,0% das exportações do Brasil; em 1999, a parcela da Região Sul nas exportações do país foi de 23,9% (tabela 1). Em 1990, a Região Sul participava com 33,0% do total das exportações brasileiras de produtos básicos; 12,9% das exportações de produtos semimanufaturados; e 18,9% das exportações de produtos manufaturados (tabela 2), sendo que o principal aumento deu-se nessa última classe de produtos, mostrando o elevado dinamismo das exportações industriais da região.

Bandeira (1995) evidencia a “elevada diversificação das exportações do Sul no que diz respeito às empresas. Enquanto na grande maioria dos estados as cinco principais firmas exportadoras são responsáveis por uma parcela muito elevada das vendas para o exterior, nos estados sulinos sua participação é bastante reduzida. Na verdade, em 1991, apenas São Paulo apresentava uma diversificação por empresas maior do que o Paraná e o Rio Grande do Sul”.

A importância do agronegócio para a Região Sul já foi bastante destacado nessa pesquisa, porém os resultados obtidos neste item demonstram novamente essa importância. A participação do total de exportações do agronegócio regional em relação ao PIB da Região Sul é a maior entre todas as regiões do país, apesar da queda ocorrida entre o período de 1985 a 1995 (tabela 4).

A Região Sul apresenta pouca dependência com relação à utilização de insumos importados; a participação desses insumos no total utilizado pelo setor agropecuário da região foi de 23,5% no ano de 1985 e 22,6% em 1995 (tabela 4). A parcela de insumos importados do exterior no total utilizado aumentou no mesmo período; 3,7% em 1985 para 16,8% em 1995. Inter-

namente, a maior parte dos insumos são importados da Região Sudeste do país, 62,9% em 1995.

O setor de produção agropecuária da Região Sul exportou, nos anos de 1985, 1990 e 1995, respectivamente, 34,0%, 34,9% e 30,8% do total de sua produção, como indicam os resultados apresentados na tabela 4. Portanto, houve uma queda da participação das exportações. A maior parte dessas vendas se dá por vias internas e para a demanda intermediária das regiões, 67,1% em 1985 e 67,9% em 1995. O maior mercado consumidor é a Região Sudeste que adquiriu, em 1995, 85,6% do total das exportações do setor agropecuário da Região Sul, sendo 67,1% para demanda intermediária e 23,9% para demanda final. As exportações para o exterior são relativamente baixas, ficando em 5,6% do total exportado em 1995.

O setor de produção agroindustrial da Região Sul é o que relativamente mais exporta a sua produção, comparando com as agroindústrias das demais regiões do país. As exportações da agroindústria da Região Sul representaram nos anos de 1985, 1990 e 1995, respectivamente, 54,8%, 47,1% e 46,5% do total produzido por este segmento do agronegócio da região (tabela 4). Essas exportações foram constituídas, em 1995, da seguinte forma: 24,4% foi para o exterior, 22,6% foi para a demanda intermediária das demais regiões do país, e 53,0% foi para a demanda final, principalmente para a Região Sudeste. Ou seja, a maior parte das exportações da agroindústria da Região Sul do Brasil constitui-se de produtos processados, prontos para o consumo final.

A relação entre o total de exportações e o total produzido pelo agronegócio da Região Sul foi de 22,2% para 1985, 19,0% para 1990 e 20,3% em 1995. A participação dessas exportações no PIB da região apresentou, para esses mesmos anos, os seguintes valores, 13,5%, 9,4% e 9,7%. Ou seja, praticamente 10,0% do PIB da Região Sul é constituído por exportações originadas do setor de agronegócios da região.

5 Conclusão

A participação da Região Sul na composição do agronegócio brasileiro aumentou no período analisado, demonstrando a importância dessa região na produção agropecuária e agroindustrial do país. Praticamente 1/3 do valor total do agronegócio do Brasil é gerado nessa região. Essa importância reflete-se na parcela do PIB regional que cabe ao agronegócio, pouco menos de 50%.

Esta é a principal característica do agronegócio da Região Sul, ou seja, sua importância para a economia regional, comparativamente é a maior do país. As exportações do setor representaram mais de 20% do valor total da produção em 1995, sendo que, em relação ao PIB da região, essas exportações contribuíram com quase 10% do total de bens e serviços.

Deve-se destacar, também, a participação do setor agroindustrial da Região Sul no total produzido pelo mesmo no Brasil, 33,7% do total nacional em 1995, sendo que grande parte (quase 50,0%) dessa produção é enviada para o exterior e para as outras regiões do país.

Tabela 4 - As transações comerciais do agronegócio da Região Sul.

Região Sul	1985		1990		1995	
Agregados do agronegócios	Valores	%	Valores	%	Valores	%
I - Montante	13102,2		209912,3		5620456,6	
Total de importações	3080,8	100,0	52396,0	100,0	2114268,7	100,0
Importados exterior	115,4	3,7	4765,5	9,1	212730,3	16,8
Importações do N	288,5	9,4	2641,0	5,0	122689,5	9,7
Importações do NE	279,9	9,1	5263,8	10,0	107933,0	8,5
Importações do CO	85,6	2,8	2064,5	3,9	27240,1	2,1
Importações do SE	2311,3	75,0	37661,2	71,9	798468,1	62,9
Importações / montante		23,5		25,0		22,6
II - Produção Agropecuária (PA)	36113,4		571822,2		15754846,3	
Total de exportações - PA	12295,9	100,0	199401,5	100,0	4848837,7	100,0
Exportações para o Exterior	1544,8	12,6	14192,1	7,1	272155,8	5,6
Total de exportações DI	8255,5	67,1	122990,0	61,7	3293549,5	67,9
Exportações DI para N	12,0	0,1	170,2	0,1	6310,6	0,1
Exportações DI para NE	539,3	4,4	5524,2	2,8	162144,4	3,3
Exportações DI para CO	267,1	2,2	3557,1	1,8	134416,9	2,8
Exportações DI para SE	7437,0	60,5	113738,5	57,0	2990677,6	61,7
Total de exportações DF	2495,5	20,3	62219,4	31,2	1283132,4	26,5
Exportações DF para N	32,3	0,3	992,6	0,5	18828,6	0,4
Exportações DF para NE	178,6	1,5	4932,9	2,5	96228,9	2,0
Exportações DF para CO	12,9	0,1	353,0	0,2	8009,0	0,2
Exportações DF para SE	2271,7	18,5	55940,9	28,1	1160066,0	23,9
Exportações / PA		34,0		34,9		30,8
III - Jusante	81396,1		1757415,8		26702872,7	
Produção Agroindustrial (PAI)	30393,3		601142,5		10564467,7	
Total de exportações - PAI	16642,0	100,0	283316,4	100,0	4916650,3	100,0
Exportações para o Exterior	4727,0	28,4	53124,2	18,8	1200770,0	24,4
Total de exportações DI	3199,8	19,2	64864,0	22,9	1112299,7	22,6
Exportações DI para N	54,4	0,3	1253,3	0,4	23485,7	0,5
Exportações DI para NE	380,8	2,3	6557,1	2,3	111779,0	2,3
Exportações DI para CO	98,5	0,6	2149,8	0,8	43710,7	0,9
Exportações DI para SE	2665,9	16,0	54903,8	19,4	933324,3	19,0
Total de exportações DF	8715,2	52,4	165328,3	58,4	2603580,6	53,0
Exportações DF para N	379,7	2,3	9144,4	3,2	120116,0	2,4
Exportações DF para NE	1430,2	8,6	29573,7	10,4	450429,0	9,2
Exportações DF para CO	236,5	1,4	5195,6	1,8	76771,6	1,6
Exportações DF para SE	6668,8	40,1	121414,6	42,9	1956263,9	39,8
Exportações / PAI		54,8		47,1		46,5
Total de exportações (PA + PAI)	28937,9		482718,0		9765488,0	
AGRONEGÓCIO	130611,6		2539150,2		48078175,6	
Exportações Totais / Agronegócio		22,2		19,0		20,3
PIB regional	214875,3		5161624,9		101174580,6	
Exportações Totais / PIB regional		13,5		9,4		9,7
Agronegócio / PIB regional		60,8		49,2		47,5

Fonte: Estimativas dos autores.

Obs.: Os valores estão em Bilhões de Cruzeiros para 1985, Milhões de Cruzeiros para 1990 e Mil Reais para 1995

ANEXO 1

Quadro A1: Matriz insumo-produto simplificada para dimensionar o agronegócio da Região Sul (P) do Brasil.

Setores	SUL - (P) (Compras)			Demanda Intermediária (A)										Demanda Final (M)							Total Produto s														
	Agropec	... agroind.	... Transp/com	... Servicos	N	NE	CO	SE	Sul	(L)	(M)	(N)	(O)	(P)	N	NE	CO	SE	Sul	(L)		(M)	(N)	(O)	(P)	X ₁	...	X ₇	...	X ₁₆	...	X ₁₇			
1 Agropecuária	Z _{1,1}	...	Z _{1,7}	...	Z _{1,16}	...	Z _{1,17}	...	Z _{1,17}	Z _{1,1} ^{PL}	Z _{1,1} ^{PM}	Z _{1,1} ^{PN}	Z _{1,1} ^{PO}	Z _{1,1} ^{PP}	Z _{1,1} ^{PL}	Z _{1,1} ^{PM}	Z _{1,1} ^{PN}	Z _{1,1} ^{PO}	Z _{1,1} ^{PP}	Z _{1,1} ^{PL}	Z _{1,1} ^{PM}	Z _{1,1} ^{PN}	Z _{1,1} ^{PO}	Z _{1,1} ^{PP}	X ₁	...	X ₇	...	X ₁₆	...	X ₁₇				
7 Agroindústria	Z _{7,1}	...	Z _{7,7}	...	Z _{7,16}	...	Z _{7,17}	...	Z _{7,17}	Z _{7,1} ^{PL}	Z _{7,1} ^{PM}	Z _{7,1} ^{PN}	Z _{7,1} ^{PO}	Z _{7,1} ^{PP}	Z _{7,1} ^{PL}	Z _{7,1} ^{PM}	Z _{7,1} ^{PN}	Z _{7,1} ^{PO}	Z _{7,1} ^{PP}	Z _{7,1} ^{PL}	Z _{7,1} ^{PM}	Z _{7,1} ^{PN}	Z _{7,1} ^{PO}	Z _{7,1} ^{PP}	X ₇	...	X ₁₆	...	X ₁₇	...	X ₁₇				
16 Transp/comer	Z _{16,1}	...	Z _{16,7}	...	Z _{16,16}	...	Z _{16,17}	...	Z _{16,17}	Z _{16,1} ^{PL}	Z _{16,1} ^{PM}	Z _{16,1} ^{PN}	Z _{16,1} ^{PO}	Z _{16,1} ^{PP}	Z _{16,1} ^{PL}	Z _{16,1} ^{PM}	Z _{16,1} ^{PN}	Z _{16,1} ^{PO}	Z _{16,1} ^{PP}	Z _{16,1} ^{PL}	Z _{16,1} ^{PM}	Z _{16,1} ^{PN}	Z _{16,1} ^{PO}	Z _{16,1} ^{PP}	X ₁₆	...	X ₁₆	...	X ₁₆	...	X ₁₇				
17 Servicos	Z _{17,1}	...	Z _{17,7}	...	Z _{17,16}	...	Z _{17,17}	...	Z _{17,17}	Z _{17,1} ^{PL}	Z _{17,1} ^{PM}	Z _{17,1} ^{PN}	Z _{17,1} ^{PO}	Z _{17,1} ^{PP}	Z _{17,1} ^{PL}	Z _{17,1} ^{PM}	Z _{17,1} ^{PN}	Z _{17,1} ^{PO}	Z _{17,1} ^{PP}	Z _{17,1} ^{PL}	Z _{17,1} ^{PM}	Z _{17,1} ^{PN}	Z _{17,1} ^{PO}	Z _{17,1} ^{PP}	X ₁₇	...	X ₁₆	...	X ₁₆	...	X ₁₇				
Importações Exterior (R)	m ₁ ^R	...	m ₇ ^R	...	m ₁₆ ^R	...	m ₁₇ ^R	...	m ₁₇ ^R	m ₁₇ ^R	m ₁₇ ^R	m ₁₇ ^R	
Impostos indiret. Iiq. (II)	ll ₁	...	ll ₇	...	ll ₁₆	...	ll ₁₇	...	ll ₁₇	ll ₁₇	ll ₁₇	ll ₁₇
Importações - Norte (L)	m ₁ ^L	...	m ₇ ^L	...	m ₁₆ ^L	...	m ₁₇ ^L	...	m ₁₇ ^L	m ₁₇ ^L	m ₁₇ ^L	m ₁₇ ^L
Importações - NE (M)	m ₁ ^M	...	m ₇ ^M	...	m ₁₆ ^M	...	m ₁₇ ^M	...	m ₁₇ ^M	m ₁₇ ^M	m ₁₇ ^M	m ₁₇ ^M
Importações - CO (N)	m ₁ ^N	...	m ₇ ^N	...	m ₁₆ ^N	...	m ₁₇ ^N	...	m ₁₇ ^N	m ₁₇ ^N	m ₁₇ ^N	m ₁₇ ^N
Importações - SE (O)	m ₁ ^O	...	m ₇ ^O	...	m ₁₆ ^O	...	m ₁₇ ^O	...	m ₁₇ ^O	m ₁₇ ^O	m ₁₇ ^O	m ₁₇ ^O
Impostos sobre atividade	T ₁	...	T ₇	...	T ₁₆	...	T ₁₇	...	T ₁₇	T ₁₇	T ₁₇	T ₁₇
Valor Adicionado	VA ₁	...	VA ₇	...	VA ₁₆	...	VA ₁₇	...	VA ₁₇	VA ₁₇	VA ₁₇	VA ₁₇
Total Insumos	X ₁	...	X ₇	...	X ₁₆	...	X ₁₆	...	X ₁₆	X ₁₆	X ₁₆	X ₁₆

SETORES:

- 1-agropecuária
- 2-mineração
- 3-minerais não-metálicos
- 4-metalurgia e mecânica
- 5-material elétrico
- 6-material de transporte
- 7-agroindústrias
- 8-celulose, papel e gráfica
- 9-borracha
- 10-química
- 11-farmacêutica e perfumaria
- 12-plásticos
- 13-indústrias diversas
- 14-energia, saneamento e comunicações
- 15-construção civil,
- 16-transporte e comércio;
- 17-serviços

Fonte: Elaboração dos autores.

6 Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, N.B.; et al. "Complexo agroindustrial: o "agribusiness" brasileiro". São Paulo: Agroceres, 1990. 238p.
- ARAÚJO, T.B. de. Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) "Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)". São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.125-156.
- BAER, W. "A economia brasileira". São Paulo: Nobel, 1986. 416p.
- BANDEIRA, P.S. A economia da região Sul. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) "Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)". São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.225-251.
- BRASIL, Congresso Nacional, Comissão Especial Mista. "Desequilíbrio econômico inter-regional brasileiro". Relatório Final. Brasília, 1993. v.1, 110p.
- CANO, W. "Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil-1930/1995". 2 ed. rev. ampl. Campinas:UNICAMP.IE, 1998. 421 p. (coleção 30 anos de economia - Unicamp, 2).
- CONSIDERA, C.M.; MEDINA, M.H. "PIB por unidade da federação: valores correntes e constantes". Texto para discussão n.610. Rio de Janeiro:IPEA, 1998. 32p. (acompanha disquete de dados).
- CROCOMO, F.C.; GUILHOTO, J.J.M. As relações inter-regionais e intersetoriais das macrorregiões da economia brasileira em 1985. In: MONTOYA, M.A. (org) "Relações intersetoriais do Mercosul e da economia brasileira: uma abordagem de equilíbrio geral do tipo insumo-produto". Passo fundo: Ediupf, 1998. Cap. 7.
- DAVIS, J.H.; GOLDBERG, R.A. "A concept of agribusiness". Boston: Harvard Graduate School of Business Administration, 1957. 152p.
- FURTUOSO, M.C.O. "O produto interno bruto do complexo agroindustrial brasileiro". Piracicaba, 1998, 277p. Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo.
- GUILHOTO, J.J.M.; FURTUOSO, M.C.O.; BARROS, G.S.C. O "Agronegócio na economia brasileira: 1994 a 1999". Relatório de Pesquisa. CNA/CEPEA, 2000. Mimeo.
- GUIMARÃES NETO, L. Desigualdades regionais e federalismo. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) "Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)". São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.13-59.

HOFFMANN, R. et al. *"Inovações tecnológicas e transformações recentes na agricultura brasileira"*. Relatório de Pesquisa, Piracicaba: FEALQ, 1985, 4v., 780p.

LAUSCHNER, R. *"Agribusiness, cooperativa e produtor rural"*. São Leopoldo: UNISINOS, 1995. 296p. 2ª ed.

MALASSIS, L. *La structure et l'évolution du complexe agri-industriel d'après la comptabilité nationale française*. Économies et Sociétés. Paris, v.3, n.9, p1667-1687, set. 1969.

MONTOYA, M.A.; GUILHOTO, J.J.M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In: TEDESCO, J.C. (org) *"Agricultura familiar: realidades e perspectivas"*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. (no prelo).

PARRÉ, J.L. *"O agronegócio nas macrorregiões brasileiras: 1985 a 1995"*. Piracicaba, 2000. 191 p. Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.